

Aquele Sorriso Estúpido

FRAGMENTO ABSURDO DE UMA EXISTÊNCIA FUTURA N. 3

Alessandro Reiffer

• *Free Books* •

ALESSANDRO REIFFER

AQUELE SORRISO ESTÚPIDO

Fragmento Absurdo de uma Existência Futura nº

3

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – NOSSOS AUTORES

TERROR-HORROR-FANTASIA-FICÇÃO CIENTÍFICA

Título: AQUELE SORRISO ESTÚPIDO - Fragmento Absurdo de uma Existência Futura nº 3

Autor: Alessandro Reiffer

País de origem: Brasil

Imagem da capa: Emma Müller Edle vom Seehof (1859 – 1925)

Leiaute da capa: Canva

Série: Nossos Autores – vol. 17

Editor: Free Books Editora Virtual

Site: www.freebookseditora.com

Direitos: © Alessandro Reiffer. Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do autor

Ano: 2017

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br

Sumário

[AQUELE SORRISO ESTÚPIDO](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

AQUELE SORRISO ESTÚPIDO

Fragmento Absurdo de uma Existência Futura nº 3

Eles instalaram câmeras na frente da minha casa, uma delas vigiava a minha porta, outras, minhas janelas. Queriam saber como eu estava me comportando. Não bastavam as que já existiam na minha rua. Não estavam gostando do meu comportamento, diziam que estava se tornando ofensivo, absurdo, inadmissível, e que se eu continuasse rumo ao “caminho negro” acabaria por ser preso ou levado para um sanatório. Estavam desconfiados de que eu era na verdade retrógrado desafortado, um estúpido insensato que insistia em viver uma vida não “saudável”, não “luminosa”, não “feliz”. Havia regras a serem seguidas. Como eu ousava, por exemplo, não sair sorrindo nas ruas, alegre e contente?

De vez em quando, testavam-me, tiravam fotos minhas em alguns lugares públicos. Exigiam que eu posasse para as fotos. Não poderia me negar, ou seria carregado para um tribunal. Havia uma lei que proibia as pessoas de se negarem a posar para fotos. Queriam ver se eu sorria ou não nas fotos. Eu nunca sorria. Isso era um sinal, para eles, de que eu me considerava um infeliz. E que eu ousava, o que era o pior de tudo, a ostentar publicamente a minha infelicidade. Eu não era um infeliz. Nem um feliz. Apenas não gostava de fingir. O problema é que todos fingiam, para os outros e para si mesmos. E acreditavam fielmente nos seus próprios fingimentos.

Mas eu não fingia. Então, xingavam-me, alguns jogavam-me pedaços de objetos, lixos de todos os tipos, facilmente encontrado nas ruas imundas. Às vezes, havia uns filhos da puta mais esquentados que queriam me bater. Eu fugia, ou, não podendo, enfrentava-os. Batia e apanhava. Comecei a andar armado, carregava comigo sempre punhais e um revólver.

Eu já era quase um criminoso por não sorrir nas fotos, carregar armas não fazia muita diferença. Estavam para aprovar uma lei que obrigaria as pessoas a sempre sorrir quando posassem para fotos. Eles me gritavam, quando eu não sorria: “Tu vai ver, não perde por esperar, vamos te prender, seu desgraçado!” Outra lei, também incluída no pacote a ser aprovado pelo Congresso Nacional, obrigaria todos a frequentarem academias, correrem nos parques, vestirem roupas modernas e “felizes” e a tomar suplementos

vitamínicos. Tudo com o obrigatório acompanhamento médico. Fazer exercício ou comer frutas por conta própria, por exemplo, sem a supervisão médica, não seria permitido. Existia ainda uma outra lei que obrigaria as pessoas a ouvir o que chamavam de “música divertida” e assistir a algum “programa divertido” ao menos uma vez por semana. Diziam que era para o nosso próprio bem-estar físico e psíquico. Ou seja, músicas de merda e programas de merda, imbecis, idiotizantes. Para a fiscalização de tais leis, instalariam câmeras dentro de nossas casas.

Sentiam também meu cheiro de cigarro. Desconfiavam que eu fumasse em público. O que não era permitido, por lei, já há tempos. Aliás, não era permitido fumar ao ar livre. Somente dentro de nossas casas. Se fôssemos flagrados fumando ao ar livre, mesmo que dentro de nossos pátios, poderíamos ser processados por crime contra a saúde pública. Certo dia estava fumando, escondido das câmeras, na frente de minha casa. Surgiu um cara do nada, com uma espécie de porrete de madeira na mão. Gritou:

— Agora tu vai aprender a não fumar mais, espalhando essa porra de fumaça venenosa, seu monte de bosta, maldito fracassado fodido de merda, vou arrebentar tua cabeça burra e teus pulmões pretos!

— Ah, vai tomar no cu! eu disse.

Tive que matá-lo. Dois tiros no peito. Era ele ou eu. O problema é que eu não poderia alegar legítima defesa, pois estava cometendo um crime imperdoável, o de fumar ao ar livre. Mas se o cara tivesse me matado, ele ficaria livre, afinal, ele teria agido com ética. Seria um herói.

Tive sorte de as ruas estarem deserta naquela hora. Coloquei seu cadáver no carro e levei para uma rua barrenta e imunda no fim do meu bairro, um dos lugares horríveis para onde os marginalizados eram jogados para não ofender o centro da cidade com sua miséria e feiura. A polícia praticamente nunca aparecia por lá. A não ser quando era para espancar ou matar algum coitado ladrão de laranjas. Eles nunca prendiam as pessoas que viviam ali. O governo dizia que não valia a pena. De vez em quando, mandava a polícia ou o exército para matar alguns dos miseráveis, para evitar que se proliferassem muito. A lei permitia, e todos achavam justo, exceto os miseráveis, que, obviamente, nunca eram ouvidos. O cadáver do cara que eu tinha matado lá seria rapidamente comido pelos cachorros famintos. Creio que até algumas pessoas cortariam alguns pedaços para assar em seus barracos.

Outra coisa que o governo obrigava as pessoas a fazer era, ao mesmo tempo uma vez por mês, realizar, nos fóruns de justiça, uma declaração sobre o que nós pensávamos acerca do governo, da cidade, do país, da nossa vida, da civilização como um todo. Se nossas visões eram negativas, se declarávamos que haviam graves problemas com a nossa vida e com a dos outros, se ousássemos proferir que a civilização não valia coisa nenhuma, que a humanidade estava definitivamente perdida, que os governos estavam errados e eram apenas corruptos tentando levar a sua parte, que não existiam nações, mas apenas corporações sugando povos, que o planeta agonizava, enfim, se não estampássemos uma imagem de completa felicidade, satisfação e bem-estar, com tudo e com todos, de alegria e alto astral, seríamos imediatamente algemados, colocados numa camisa de força e levados para uma espécie de sanatório onde passaríamos por um “sessão de tratamento”, que nada mais era do que uma lavagem cerebral.

Conheci várias pessoas que passaram pelo “tratamento”. Pessoas inteligentes que se tornaram completos imbecis. Legítimos bobos alegres. Eu sentia uma desolação insuportável quando os via. Alguns eram meus amigos. Tive que me afastar deles, era impossível conviver com tamanha vacuidade e babaquice.

Eu sempre fiz um grande esforço para mentir e ser um ator convincente nas minhas declarações. Eram as únicas vezes da minha vida em que realmente fingia. Era isso ou o sanatório. Não era fácil. Eles sabiam como nos provocar, irritar, para que saíssemos do sério, indignados, e disséssemos alguma verdade indesejada. Tanto para eles quanto para mim, que seria levado, sem qualquer chance de reação, para a lavagem cerebral.

Amanhã é o dia em que devo me apresentar naquele fórum imundo. Tenho náuseas só de pensar que deverei pisar aquelas camisinhas usadas que sempre estão jogadas na entrada do fórum. Já estou de saco cheio dessa farsa estúpida. Mas terei que continuá-la.

Guardei o carro, limpei o sangue, e fui dar uma caminhada. As ruas fediam. Sentei em uma praça de árvores quase secas e sem pássaros. Enquanto contemplava o horizonte poluído da cidade e cantava mentalmente melodias de Brahms, surgiu uma daquelas moças imbecis que abundam nos parques. Até que era bonita. Parou, olhou-me com seus olhos vazios e, sem parar de sorrir bondosa e estupidamente um só segundo, disse:

—Moço, por que tanta tristeza, no que você está pensando? Aposto que não são coisas boas, não é mesmo? Quem sabe você levanta, dá uma volta no parque, aproveita o sol e sai pra curtir a vida? Hein?

— E tu, por que não tira esse sorriso estúpido da tua cara?

— O quê? Disse ela ainda sorrindo daquele jeito.

Eu não aguentava mais aquele sorriso idiota. Levantei-me rapidamente, agarrei de súbito o seu corpo, que era bonito, e dei um beijo na sua boca. Era a única forma de ela acabar com aquele sorriso estúpido.

SOBRE O AUTOR

Contista e poeta, o gaúcho **Alessandro Reiffer** escreve para várias publicações pelo Brasil, como jornais, revistas, antologias, *sites* e *blogs* especializados em Literatura. É autor de “Contos do Crepúsculo e do Absurdo” (2006) e “Poemas do Fim e do Princípio” (Livros Ilimitados, 2010). Mantém na Internet o *blog* “[O Fim](#)”.